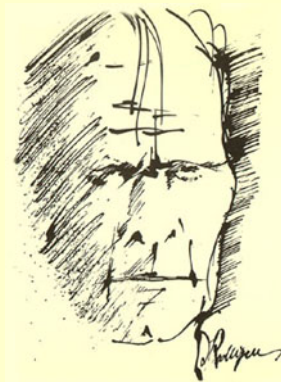


Eugénio de Andrade



Andreia Silva nº6 10ºG – Escola Básica 2,3/S de Vale de Cambra

Trabalho apresentado na disciplina de Português

Eugénio de Andrade é o pseudónimo de José Fontinhas, nascido na Póvoa de Atalaia, aldeia situada entre o Fundão e Castelo Branco, a 19 de Janeiro de 1923. O seu nascimento é marcado pela situação irregular dos pais, que mesmo depois de regularizada através do casamento irá durar pouco, o que, juntamente com o facto de ter sido abandonado pelo pai, irá marcar para sempre o poeta, que vai mesmo eliminar essa figura da sua obra poética, ao contrário da mãe que, várias vezes, lhe serve de inspiração. Inicia a sua instrução primária na aldeia onde nasceu, e depois em Castelo Branco para onde se muda com a mãe, embora só a tenha completado em Lisboa. Aí frequentou a Escola Técnica Machado de Castro onde fez os 5 anos do ensino geral.

Perfil biográfico

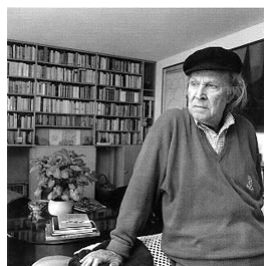
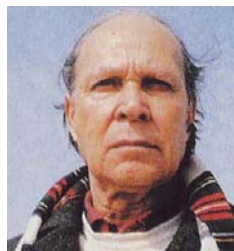
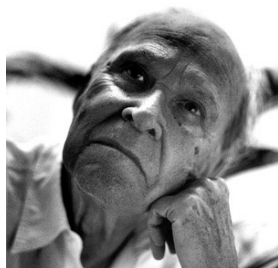


Acabados os estudos liceais, faz o serviço militar obrigatório e inscreve-se em Filosofia, em Coimbra. Torna-se funcionário público em 30 de Abril de 1947, desempenhando funções de inspector dos serviços médico-sociais, actividade que exerce até 1983, data em que se aposentou, embora tenha vivido no Porto desde 1950.

A sua obra está traduzida em várias línguas.

Recebeu inúmeras distinções, entre as quais o Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários (1986), Prémio D. Dinis (1988), Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (1989) e Prémio Camões (2001).

Em 1991 um grupo de amigos decide criar a Fundação Eugénio de Andrade na foz, inaugurada em 1993 e aberta ao público em 1995. Em 1994 fixa residência na sede da fundação com o seu nome. Faleceu a 13 de Junho de 2005, no Porto, após uma doença neurológica prolongada.





Fundação Eugénio de Andrade

Eugénio de Andrade é notícia

Eugénio de Andrade: despedida à entrada do Verão

Por Alexandra Lucas Coelho

Estava escrito: "Pela manhã de Junho é que eu iria/ pela última vez." E foi. Eugénio de Andrade morreu ontem, entre as 3h30 e as 4h da manhã, na sua casa do Porto, de onde avistava o Douro a entrar no mar e as palmeiras "altas como marinheiros de Homero" no jardim do Passeio Alegre.



Aos 82 anos, era um dos poetas portugueses mais genuinamente lidos, estudados e traduzidos do século XX, homenageado em vida com inúmeras iniciativas e distinções, incluindo, em 2001, o Prémio Camões, o mais importante em língua portuguesa.

"Morreu durante o sono, encontrámo-lo de olhos fechados com uma expressão serena, sem sofrimento", contou ao PÚBLICO Miguel Moura, afilhado de Eugénio, referindo como causa imediata da morte uma paragem cárdio-respiratória. (...) foi trasladado para a Cooperativa Árvore, onde ficou em câmara ardente.

O funeral realiza-se hoje, às 16h30, no cemitério do Prado do Repouso, "sem pompa nenhuma, nem verbal", diz Arnaldo Saraiva, presidente da Fundação Eugénio de Andrade. "Será o mais simples possível, como ele gostaria. Quem vier prestar a última homenagem pode trazer flores, ler um poema, se quiser, nada mais. (...) Aos próximos, pediu para ser enterrado de pijama e sapatos de quarto. (...)



Estava doente há três anos. Tinha "uma degenerescência muscular que lhe foi afectando o corpo todo" e obrigou a vários internamentos no Hospital de Santo António, por períodos que Eugénio insistia sempre em reduzir, recorda Arnaldo Saraiva: "Achava que era em casa que devia estar." Deixou de poder ler e escrever, mas continuou a receber a visita de amigos, mantendo energia suficiente para, por exemplo, ir rejeitando a reedição do volume que reúne a sua poesia.

"Dizia: "vamos pensar nisso mais tarde, agora não", porque tinha a ideia de que seria a obra última", lembra o presidente da fundação. Assim foi, até certo dia, "talvez há seis meses", situa Arnaldo Saraiva. "Quando eu já ia embora, a descer as escadas, a empregada chamou-me de volta. Subi, e ele disse-me: "Já pode reeditar a minha poesia". "

(...) Saraiva diz ter recebido de Eugénio esta indicação: "A minha poesia é o que publiquei em livro."

(...) agarrou-se à vida até ao fim, continuava a querer saber das obras, das publicações, das traduções, apesar do sofrimento imenso, de tanto tempo acamado", (...) Como Eugénio já não podia ler, a mãe de Miguel lia para ele em voz alta. (...) E pedia músicas, às vezes coisas tão simples como ligarmos a Antena 2. (...) Não tinha forças para pegar numa caneta há ano e meio, mas às vezes ditava versos à minha mãe. Há cinco, seis meses ainda fazia isso."

(...)

Fonte: jornal Público – 14.06.2005



Urgentemente

É urgente o amor.
É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,
Ódio, solidão e crueldade,
Alguns lamentos,
Muitas espadas.

É urgente inventar alegria,
Multiplicar os beijos, as searas,
É urgente descobrir rosas e rios
E manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
Impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
Permanecer.

Eugénio de Andrade, Até amanhã (1958)



❖ Neste poema de Eugénio de Andrade ressalta um tom apelativo.

❖ Tem como tema fundamental o apelo que lança a toda a humanidade, um grito que reclama harmonia.

❖ É visível a oposição entre os aspectos positivos e negativos.

❖ Repetição sistemática do vocábulo “urgente”, os verbos “inventar”, “multiplicar” e “descobrir” sugerem a necessidade de se expandir o amor e a harmonia.

❖ Outras expressões reforçam a ideia, por exemplo “um barco no mar” a sugerir a salvação.



❖ O verbo permanecer conota a insistência e a necessidade de se construir um ambiente fraterno e amigável.

❖ Elementos de oposição ao amor: “ódio, solidão”, por exemplo

❖ Figuras de estilo: anáforas, antíteses ...

